
“A fibra essencial” de uma poeta-educadora: reflexões sobre as representações docentes nas crônicas de educação de Cecília Meireles”

“The Essential Feber” of a Poet-Educator: Reflections on a Teaching Representations in Cecília Meireles’ Educations Chronicles

Autoria: Keila da Silva Vieira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1172-8705>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6290572237541159>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaeas.2022.194637>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaeas/article/view/194637>

Recebido em: 15/01/2022. Aprovado em: 01/06/2022.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 11, n. 20, jan.-jul., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaeas>.

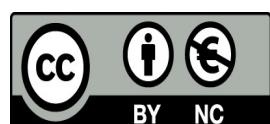
Contato: opiniaeas@usp.br

 [fb.com/opiniaeas](https://facebook.com/opiniaeas)  [@revista.opiniaeas](https://instagram.com/@revista.opiniaeas)

Como citar (ABNT)

VIEIRA, Keila da Silva. “A fibra essencial” de uma poeta-educadora: reflexões sobre as representações docentes nas crônicas de educação de Cecília Meireles. *Opiniões*, São Paulo, n. 20, pp. 280-305, 2022. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaeas.2022.194637>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaeas/article/view/194637>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

“a fibra essencial” de uma poeta-educadora: reflexões sobre as representações docentes nas crônicas de educação de Cecília Meireles

“The Essential Feber” of a Poet-Educator: Reflections on a Teaching Representations in Cecília Meireles’ Educations Chronicles

Keila da Silva Vieira¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.194637>

¹Keila da Silva Vieira é mestrandona em História da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: keila.vieira@alumni.usp.br. ORCiD: <https://orcid.org/0000-0002-1172-8705>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6290572237541159>.

Resumo

Ao pensar a literatura como fonte e objeto de análise historiográfica, este artigo pretende analisar um conjunto de crônicas de Cecília Meireles, publicadas no *Diário de Notícias* a partir de 1930, cuja temática se debruça sobre a educação. A partir do *corpus* selecionado, buscamos caracterizar algumas representações da autora sobre a figura docente, evidenciando uma retórica que privilegia a identificação com seu interlocutor. Em um primeiro momento, analisamos a figura múltipla de Cecília, enquanto intelectual, destacando suas relações nos campos educacional, jornalístico, político e literário. Em um segundo momento, discutimos o papel formativo do jornal e traçamos reflexões sobre o *corpus*, analisando as características do professor descrito e defendido pela autora.

Palavras-chave: Cecília Meireles; Intelectuais da educação; Crônicas; Representações docentes.

Abstract

By thinking of literature as a source and object of historiographical analysis, this study intends to analyze a set of chronicles by Cecília Meireles, published in the *Diário de Notícias* from 1930 onwards, whose theme focuses on education. From the selected *corpus*, we seek to characterize some representations of the author about the teaching figure, evidencing a rhetoric that privileges the identification with her interlocutor. At first, we analyze the multiple figure of Cecília, as an intellectual, highlighting her relationships in the educational, journalistic, political and literary fields. In a second moment, we discuss the formative role of the newspaper and trace reflections on the corpus, analyzing the characteristics of the teacher described and defended by the author.

Keywords: Cecilia Meireles; Education intellectuals; Chronicles; Teacher representations.

A literatura é um quadro, ou seja, em certo sentido um quadro e um espelho; é a expressão da paixão, uma crítica tão fina, um ensinamento edificante e um documento.

*Dostoiévski, Gente pobre*²

Como ilustrado na epígrafe que encabeça a discussão aqui proposta, escrita pelo escritor Fiódor Dostoiévski, a literatura pode ser compreendida como um quadro que expressa uma crítica fina, um ensinamento. Tomando-a como referência, o presente texto pretende analisar uma intelectual cuja obra trouxe discussões mordazes e críticas sobre os problemas educacionais que se propôs a debater nas primeiras décadas do século XX. Trata-se da figura múltipla de Cecília Meireles. Comumente conhecida por sua atividade como poeta, também foi educadora, conferencista, jornalista, folclorista, tradutora, entre outras atividades que compuseram sua trajetória diversa. Foi uma intelectual que pensou o país e o analisou em seus escritos, principalmente os que competem à “Página de Educação” do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, assinada por ela entre 1930 e 1933. Cecília foi uma “portadora de futuro”,³ estabeleceu uma extensa rede de sociabilidade (FUCHS, 2007; SILVA PORTUGAL, 2007) constituída por muitos contatos nos campos educacional, jornalístico, político e literário.

Sua trajetória de formação pedagógica iniciou-se quando se formou na escola Estácio de Sá e concluiu o curso na Escola Normal do Largo do Estácio, tornando-se professora. Não chegou a cursar o grau universitário, embora tenha lecionado Literatura Luso-Brasileira e Técnica e Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal. Segundo Nunes,

As políticas educativas dos países latino-americanos, na passagem do século XIX ao XX, favoreceram a alfabetização das meninas e das mulheres e a sua inserção numa educação pós primária profissional, particularmente as Escolas Normais, nas quais ingressaram moças de uma incipiente classe média e de classes mais humildes. Poucas dentre elas conseguiram ter acesso ao ensino superior. (2011, p.167)

Não obstante, sua produção ampla e diversa aponta para investimentos pessoais autodidatas, pois, à medida que formava leitores assíduos de sua obra, também se formava através da amplitude do acervo de sua biblioteca, composta por títulos de temas e idiomas distintos. De acordo com a pesquisadora Leila Gouvêa, em sua apresentação “Cecília leitora”, realizada no congresso de cinquenta anos da morte da autora, em Porto Alegre, bem como no texto apresentado ao Colóquio Cecília Meireles: 120 anos, realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais,

² DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Gente pobre*. Trad. Fátima Bianchi. 5^a reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2020.

³ Tomamos aqui a alcunha que Carlos Monarcha utiliza na introdução de seu livro *A instrução pública nas vozes dos portadores de futuros (Brasil – séculos XIX e XX)* (2016; 2019), quando define os homens públicos da monarquia e da república que reivindicaram “[...] para si a autoconsciência do tempo vivido” (p.9) e participaram das discussões relacionadas à instrução como portadores de futuros possíveis.

ao comentar sobre a biblioteca cultivada por Meireles, assevera que Cecília chegou a ter perto de 12 mil volumes, dos quais imperava a diversidade dos temas e de civilizações as mais ignotas.

Cecília concebia a aprendizagem como algo cíclico, que não se finda: “Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem / e que amanhã recomeçarei a aprender [...] enquanto aprendo, desaprendo e torno a reprender” (MEIRELES, 2017, vol. 2, p.450-451). Era, com humildade, uma estudante empírica, autodidata aplicada: “Com minhas lições bem aprendidas, / com meus exercícios bem-feitos, / estudante empírico, / autodidata aplicado [...]” (MEIRELES, 2017, vol. 2, p.452) e, no emaranhado do seu saber enciclopédico e erudito, professora de si: “professor meu sou e único aluno verdadeiro, / e, a minha, é a escola comum da humana gente” (MEIRELES, 2017, vol. 2, p. 453). A produção de Cecília em torno da educação revela sua ampla erudição e perspicácia, na medida em que tratava as questões educacionais em diálogo com ideias advindas da história, literatura, filosofia, psicologia etc. – muitas necessárias até hoje. Meireles não se apresentou apenas como a grande escritora que conhecemos, como também reservou em seus trabalhos um espaço formativo para os professores e seus interlocutores. Para ela, a educação deve ser compreendida num amplo sentido, envolvendo “[...] todos os problemas, buscando a exata solução de todos, atenta a cada pequena oscilação da vida, e sempre justa nas sugestões que alvitra, e sempre bela na execução que lhes dá” (MEIRELES, 2017, vol. 1, p.53-54). É também o meio pelo qual os homens “adquirem sua liberdade” (MEIRELES, 2017, vol. 1, p.37-38).

Nesse sentido, em um primeiro momento, procuramos evidenciar a trajetória de Cecília enquanto intelectual que tomou a escrita de crônicas como meio pelo qual refletiu sobre a educação brasileira e nela interferiu. Do mesmo modo, buscamos identificar algumas das representações da autora sobre a imagem docente e discutir a criação de uma retórica de identificação, possibilitada pelo emprego do estilo lírico e introspectivo. Interpretamos a retórica construída por Cecília através do diálogo entre o *locutor* e o *outro*, ora permeado por um discurso aparentemente objetivo – que salienta práticas cotidianas comuns ao leitor –, ora revelando um discurso íntimo, “[...] impregnado de uma confiança profunda no destinatário, na sua simpatia, na sensibilidade e na boa vontade de sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o locutor revela suas profundezas interiores” (BAKHTIN, 2000, p. 323).

O *corpus* de nossa pesquisa é constituído da seleção de crônicas escritas pela autora que remetem para o trabalho docente, bem como algumas que deixam entrever seu diálogo com os projetos de intelectuais que pretendiam reformar a sociedade pela via da educação. Os trechos aqui descritos partiram da edição *Crônicas de Educação* (MEIRELES, 2017), publicada, em cinco volumes, pela editora Global e organizada por Leodegário de Azevedo Filho. Também utilizamos alguns textos encontrados graças às nossas buscas em periódicos do acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira (HDB), através do método de pesquisa por palavra-chave e período de publicação. Concordamos com Eric Brasil e Leonardo Nascimento (2020), quando dizem que a ferramenta de busca textual da HDB e o novo suporte digital das fontes possibilitam “[...] elaborar novas perguntas, novos objetivos, encontrar novas respostas, que seriam impensáveis de outro modo” (BRASIL & NASCIMENTO, 2020, p.207). Com efeito, no estudo das trajetórias e temas centrais que reincidem em vários escritos, as novas tecnologias

e os processos de digitalização expandem as possibilidades de pesquisa (PUTNAM, *apud* BRASIL & NASCIMENTO, 2020, p. 207).

Ao analisar as crônicas, é necessário retomar seu lugar no campo literário. Embora estabeleçam um jogo de impressão de realidade para o leitor, ainda estamos diante de um texto ficcional. Dessa maneira, é imprescindível que tenhamos presente a riqueza estética que os textos literários nos apresentam, tomando-lhes não como verdades absolutas da realidade, mas compreendendo o conjunto de significados condensados na sua dimensão social. Nicolau Sevcenko nos auxilia a pensar essas questões quando diz que todo escritor “[...] possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam” (SEVCENKO, 1983, p. 20). Em confluência com as contribuições de Antonio Cândido, principalmente em seu texto “A vida ao rés-do-chão” (2003), e de Davi Arrigucci Jr., a partir de seu texto “Fragmentos sobre a crônica” (1987), entendemos as crônicas analisadas como “amiga[s] da poesia”, que se aproveitam da aproximação com a vida do leitor, característica do gênero, para tratar de temas sérios (CANDIDO, 2003) e ainda traçar representações do professor e de seu fazer (CHARTIER, 2002). É interessante perceber que Cecília, ao eleger a crônica como difusora do seu pensamento educacional, burla com a essência efêmera compelida ao gênero, uma vez que, a despeito dessa característica, escreve essas crônicas de maneira aberta, isto é, passível de conectar e estabelecer continuações. Outrossim, a crônica possibilita verificar uma “memória escrita”, que, nos traços da escrevedura de Meireles, dialoga com o que Arrigucci (1985) denomina de “poeta instantâneo”, dadas suas características líricas e subjetivas.

Cabe atentar também ao suporte de reprodução dos textos analisados, sendo aqui o jornal, compreendido por Cecília como espaço educativo e no presente texto também entendido como meio através do qual escreveu textos diários, permeados pela pressão editorial e impelidos pela discussão vigente na época. É através dos escritos postos a circular e dados a ler que o locutor demonstra sua intencionalidade, seu leitor ideal, revelados na escolha de palavras, diálogos com outros discursos e recursos utilizados durante a elaboração do texto (CHARTIER, 2002).

“é uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo nos dois lugares!”⁴

Ao entender Cecília Meireles como intelectual, inserimos nossa discussão nas investigações que comprehendem os intelectuais dentro de uma perspectiva histórica, olhando para seus itinerários de formação, suas redes de sociabilidade, as ligações entre os intelectuais e políticas públicas, suas linguagens etc. (LEITE & ALVES, 2011). De acordo com Carlos Eduardo Vieira (2011), os debates sobre a ação pública dos intelectuais remetem para diferentes contextos: o debate político russo na segunda metade do século XIX sobre a ideia de *intelligentsia*; o conhecido caso do manifesto escrito por Émile Zola, em 1898, em torno do *affaire Dreyfus*; a obra de Julien Benda de 1927 e os debates de Mannheim, Gramsci, Bourdieu e

⁴ Subtítulo inspirado no poema “Ou isto ou aquilo” de Cecília Meireles. Fazemos uma alusão à sua figura múltipla como intelectual que esteve em diferentes espaços de atuação (escola, imprensa, literatura etc.).

Sirinelli (*ibid.*, p. 26). O autor ainda assinala que a palavra “intelectual” tem sido associada ao movimento de agentes que se encaminham para o campo político. Ao tomar as proposições de Edgar Morin, acrescenta que, “quando os filósofos descem de sua torre de marfim ou os técnicos ultrapassam sua área de aplicação especializada para defender, ilustrar, promulgar ideias que têm valores cívico, social ou político, eles se tornam intelectuais” (*ibid.*, p. 27).

Concordamos com o autor que o termo também remete para reflexões mais amplas, mas que está relacionado à atuação dos representantes da chamada “república das letras da esfera pública” (VIEIRA, 2011, p. 30-31). Podemos pensar que, ao escrever suas crônicas, Cecília interferiu no campo político através da circulação dos textos jornalísticos. Sua progressão para essa esfera nasce após se articular em outros campos, como o literário, uma vez que havia atuado nas revistas Árvore Nova, Terra de Sol e Festa e publicado seus primeiros livros de poemas *Espectros*, *Baladas para El-Rei, Nunca Mais*, *Poema dos Poemas* e o seu primeiro livro didático, *Criança Meu Amor*, adotado no ano seguinte pela Diretoria de InSTRUÇÃO PÚBLICA e aprovado pelo Conselho Superior de Ensino dos estados de Minas Gerais e Pernambuco (PIMENTA, 2001). Ela também já havia concorrido, em 1929, à cadeira de Literatura Vernácula da Escola Normal do Distrito Federal, com a tese “O Espírito Vitorioso”, que perscrutava algumas das questões que defendera na *Página*. Desse modo, podemos entendê-la como uma intelectual que interveio no campo político, dada sua participação no campo literário. Nas palavras de Bourdieu (2002, p. 150), ao refletir sobre Zola, “[...] paradoxalmente, é a autonomia do campo intelectual que torna possível o ato inaugural de um escritor que, em nome das normas próprias do campo literário, intervém no campo político, constituindo-se, assim, como intelectual”.

Situar Meireles no campo educacional brasileiro é também compreendê-la atrelada a outros intelectuais brasileiros que atuaram principalmente nas décadas de 1920 e 1930. De acordo com Pécaut (1990), esse período é marcado por aqueles que saíram do isolamento em relação à sociedade e partiram para a ação. Esses homens e essas mulheres construíram um projeto de transformação da sociedade que tomava como eixo central a nação, o incentivo ao capital cultural, cujas ações apontavam para a necessidade de se organizar a instrução pública e o sistema de ensino (*apud* CORRÊA, 2001, p. 125). Essas décadas revelam uma forte circulação de ideias e políticas públicas relacionadas à educação. Cecília Meireles posicionou-se à frente dessas iniciativas, pois defendia em seus escritos o projeto de modernização do ensino ao lado de outros intelectuais como Fernando Azevedo⁵ e Frota Pessoa, os quais, posteriormente, assinaram a carta-monumento dos pioneiros, evidenciando suas ideias de renovação do ensino.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi lançado em 1932 e se inseriu como uma das vias que disputavam a condução do campo educacional brasileiro. O campo educacional é definido por Denice Catani como:

[...] o espaço que inclui a vida e os interesses de grupos profissionais, a elaboração e difusão de trabalhos que visam ao

⁵ Cecília escreve a Fernando de Azevedo: “Agradeço-lhe vivamente a carta que tive a honra de receber e que, além de tão valiosa, por vir espontaneamente do próprio Autor da Reforma que aqui estamos defendendo, me trouxe grande alegria e compreensão [...] (Disponível em LAMEGO, 1996, p. 211, grifos nossos).

estabelecimento de formas legítimas de tratamento para questões de âmbito educativo, as instituições escolares e os mecanismos criados para manter o campo delimitado e em atividade. (CATANI, *apud* BONTEMPI, JR, p.143)

Dessa maneira, ao posicionar-se através de seus escritos, Cecília colocava-se como defensora dos princípios evidenciados pelo manifesto. Muitas de suas crônicas dão a ler e interpretam os acontecimentos relativos à educação, bem como servem como difusoras das ideias em circulação. Diana Vidal comenta que a carta-monumento exibia um triplo propósito. Inicialmente, defendia os princípios gerais, como a laicidade, a gratuidade, a obrigatoriedade e a coeducação. Também, ao recolher assinaturas de 26 intelectuais, criava um personagem coletivo: “os pioneiros da Educação Nova”. Por fim, ao se opor e descharacterizar as investidas anteriores da educação tradicional, ela se estabeleceu como marco fundador no debate educativo brasileiro (VIDAL, 2011, p. 461). De acordo com Dislane Moraes, quanto às práticas e aos conhecimentos pedagógicos, o *Movimento da Escola Nova* difundiu:

[...] uma nova conceção do processo de aprendizagem e da posição do professor em sala de aula. A pedagogia moderna recusava programas rígidos e privilegiava os aspectos psicológicos do desenvolvimento da criança na definição de conteúdos e metodologias de ensino. O trabalho livre, a aprendizagem pela experiência e a educação lúdica são valorizados. Os professores deveriam aprender a ensinar segundo o novo modelo. (MORAES, 2011, p. 249)

Cecília também intervinha na realidade através da formação docente dos seus leitores, os quais eram, sobretudo, professores e alunos da Escola Normal. Para ela, tratar insistente sobre o problema educacional poderia culminar em algum efeito: “Como dizem que água mole em pedra dura acaba produzindo efeito, vamos tratar mais uma vez deste momento educacional” (MEIRELES, 2017, vol. 2, p. 171). Esse problema era o “mais complexo, o mais difícil, o mais imperioso e de maior responsabilidade” (*ibid.*). Na defesa da educação, para ela, uma questão de grande valor, Cecília não deixava de tratar o tema da Escola Nova⁶. Aqui, entendemos a Escola Nova como movimento educacional, de caráter transformador. De acordo com Lamego (1996, p. 31), “Seu programa teórico compreendia novos estudos vinculados à psicologia do comportamento humano. E trazia, neste complexo renovador do ensino, uma transformação do papel social da Família, da Igreja e do Estado na educação do indivíduo”. Alguns dos pontos

⁶ Há diversos estudos que contemplam os temas relacionados à Escola Nova. Citamos alguns que foram consultados: “Lourenço Filho em Piracicaba” (1998) de Maria Lucia Hilsdorf; “Projetos e estratégias de implementação da escola nova na capital do Brasil (1922-1935)” de Diana Vidal; “Faria de Vasconcelos e a escola nova em Portugal: do self-government à educação científica” (2019), escrito por Carlota Boto; “Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação” (2005) de Marta Carvalho e o livro *Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)*, organizado por Maria Miguel, Diana Vidal e José Araujo, publicado em 2011.

principais discutidos pela Escola Nova foi o deslocamento da ação educadora da família e da igreja para escola, como forma de diminuir as diferenças sociais existentes, alcançar a democratização da instrução e atingir o desenvolvimento individual das capacidades e aptidões. Não podemos deixar de mencionar que, embora Cecília estivesse afinada com as ideias reformadoras, muitos dos seus escritos compreendiam a relação entre família e escola como importante na reforma educacional e salientam a função social da família. Tal como na Reforma de Fernando Azevedo, ela investia no estabelecimento dos Círculos de Pais e Professores. Consoante Ana Maria Magaldi,

Apesar de ser fundamental, para a compreensão desse contexto, considerar o elevado patamar a que a era alçada a escola, cabe acrescentar que Cecília Meireles sempre deixou clara sua consciência de que, para encaminhar a modernização educacional e construir a “civilização” desejada, os educadores profissionais não poderiam prescindir dos educadores situados na esfera doméstica, com os quais deveriam “andar de mãos dadas”. O núcleo familiar era qualificado como ‘insubstituível’ na educação da criança, já que, segundo a visão da educadora, “os verdadeiros ensinamentos da moral não vão muito além do que se aprende no meio da família” [...] Torna-se importante, nessa altura, afirmar nossa intenção de matizar interpretações cristalizadas na área de estudos da educação que têm enfatizado a existência, no movimento de renovação educacional, de uma tendência no sentido da “desqualificação da família para educar”. Essa concepção pode ser considerada em sua proximidade da interpretação, também compartilhada em análises sobre o tema, que aponta para um processo em curso na época, de “substituição da família pela escola”. (MAGALDI, 2000, p. 145)

Na crônica “Escola velha e Escola Nova”, Cecília lança mão do recurso da comparação para expor as diferenças entre as duas formas de conceber a escola (MEIRELES, 2017, vol.3, p. 181-182). Inicialmente, demonstra que “acha graça” nas pessoas que fazem críticas à Escola Nova sem conhecê-la e acrescenta que essas pessoas não poderão evitá-la, porque é necessária, é “invencível”. Cecília argumenta que a Escola Nova “É um acontecimento humano. É a escola resultante do tempo, ligada ao tempo: indestrutível, por variar com ele, e ir sendo sempre o que ele determinar que seja, ao contrário da escola velha, paralisada e inútil no ambiente móvel e inexorável da vida” (*ibid.*, p. 181). Na contraposição dos adjetivos que definem as duas escolas, explica e sustenta que o conhecimento total do que significa a Escola Nova estava em processo, na “apresentação de ideias e de justificação de atitudes” (*ibid.*), mas que, iniciada a Reforma de Fernando de Azevedo, poderiam entender seus benefícios. Como anteriormente defendido, as crônicas de Meireles possuem uma função educativa e a autora-educadora se vale de recursos para explicar seus objetivos. Ainda nessa mesma crônica, Cecília dialoga com os pais e professores. Fala que, para os pais brasileiros que viam na escola um simples lugar no qual as crianças iam para não atrapalharem o andamento

doméstico, é natural que as novas ideias demoraram para ser recebidas, mas persistia que em breve viriam resultados verdadeiros. É interessante mencionar que a Reforma citada por Cecília foi empreendida por Fernando Azevedo no Distrito Federal em 1928 e, de acordo com Yolanda Lôbo, “[...] é ponto de partida para uma nova política educacional que confere à escola uma finalidade pedagógica e social, imprimindo-lhe uma atuação dinâmica, criativa, na medida em que contribuiria para mudanças no meio social de que fazia parte” (LÔBO, 2001, p. 69).

Essa defesa não se esgotou na crônica mencionada e continuou sendo elucidada em outras crônicas, como a publicada três dias depois, em 22/07/1932. Na crônica intitulada “Escola Nova”, Cecília retoma as “injúrias” que estavam sendo proferidas contra a Escola Nova e diz que tudo o que aparecia de mal relacionado à pedagogia era associado à Escola Nova. Tomando esses discursos, utiliza sua fina ironia para combatê-los, trazendo uma história elucidativa dos problemas da “Velha Escola” e da falta de compreensão verdadeira dos acusadores da Escola Nova:

Como de vez em quando me contem uma coisa feia a respeito da Escola Nova, hoje vou transmitir uma delas ao leitor complacente, que poderá juntar à coleção que por acaso tenha, ou venha a ter. Dizem que certa menina passou os dois ou três primeiros meses do corrente ano letivo enchendo alguns cadernos só de números pares e ímpares. Começaram a reparar nisso, em casa. Um dia, a menina trazia folhas e folhas de uma série: 1-3-4-7-9... No dia seguinte, vinha a outra: 2-4-6... E assim alternadamente. Com receio de perturbar o trabalho da criança, quem olhava o caderno sorria e calava, esperando chegar a uma conclusão. Dizem que na semana passada, à mesa do jantar, as crianças da casa, conversando sobre coisas de escola, puseram-se a dizer: “A minha professora ensina isto”; “A minha, aquilo...” E a menina do caderno célebre, depois de um rápido balanço, declarou: “A minha ensina números pares e ímpares...” Então, como viesse a propósito, um adulto qualquer perguntou-lhe: - E você sabe o que é um número par? - Sei - respondeu a pequena. - É aquele que a gente faz pulando o outro... - Ah! e ímpar? - Ímpar... Aí a menina pensou um pouco e definiu: - ... é esse outro... (MEIRELES, 2017, vol.3, p. 185-186)

Após apresentar essa história, Cecília conclui com sua “farpa”, tomando aqui a metáfora de Valéria Lamego (1996): “Os partidários da palmatória, da tabuada e de outras veneráveis relíquias do passado certamente vão dizer que isso é Escola Nova... São capazes...” (MEIRELES, 2017, vol.3, p. 186). Ao analisar a tessitura dessas duas crônicas, conhecemos uma das inúmeras facetas da autora. Ela ainda trouxe à *Página* diversas discussões sobre a educação então em voga em outros países, como Argentina, França e Estados Unidos, bem como compartilhou,

de maneira descomplicada, suas leituras de grandes nomes como Montessori, Dewey, Piaget e outros.⁷

Para além das redes estabelecidas com os pensadores da Escola Nova, Cecília também sustentou contatos com outros intelectuais, como Gabriela Mistral⁸, e seus correspondentes portugueses⁹. Nesse sentido, foi uma intelectual completa, cuja trajetória demonstrou a articulação entre a ação e seu pensamento. Ela assinou diversos textos, mas também expandiu sua presença em muitos lugares do Brasil e do mundo através de viagens e conferências, como as conferências proferidas em Portugal (1934) e na Universidade do Texas em 1940, e disseminou suas ideias na organização e direção da primeira biblioteca pública infantil brasileira, localizada no “Pavilhão Mourisco”.¹⁰ Cabe ressaltar que Cecília também atuou realizando visitas a estabelecimentos de ensino, dos quais, provavelmente, tenham saído suas denúncias sobre os problemas que permeavam a escola. Na crônica “Uma sugestão”, de 18 de dezembro de 1932, vemos que suas visitas eram feitas com uma observação atenta, principalmente, às condições econômicas dos alunos e da estrutura escolar.

Discutimos até o presente momento a figura intelectual de Cecília Meireles e seus múltiplos espaços de atuação. Destacamos sobretudo sua importância como propulsora na divulgação dos ideários escolanovistas quando de sua participação ativa no Diário de Notícias. Cabe ainda investigar como a *Página de Educação* se tornou um espaço político e educativo.

a função educativa da imprensa¹¹

Norberto Bobbio, em seu livro *Os intelectuais e o poder* (1997), comenta que “A característica principal da moderna camada dos intelectuais está associada à formação de uma sempre mais vasta opinião pública por intermédio da imprensa [...]” (p. 121). Como visto, Cecília se insere nessa “camada de intelectuais”, dada sua atuação na *Página de Educação*, utilizando como espaço de produção e circulação o *Diário de Notícias*. Consoante Sodré (1986), o *Diário de Notícias* foi fundado, em 1930, pelos jornalistas Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel e serviu, inicialmente, para fortalecer o grupo da imprensa partidária da Aliança Liberal de Getúlio Vargas (LAMEGO, 1996, p. 27). Além das seções de economia, política nacional e internacional, assuntos femininos etc., o

⁷ Para Lôbo (2001, p.70), ainda percebem-se, em suas asserções, elementos da discussão então presentes na França sobre essas abordagens, notadamente, a polêmica que realiza Piaget (*Le Jugement Moral Chez L'Enfant*) com Durkheim (*L'éducation Morale*).

⁸ Sobre a relação de Cecília com Gabriel Mistral, ver “As intelectuais Gabriela Mistral e Cecília Meireles nas bibliotecas infantis: traços da modernidade educacional no México e no Brasil” (FERREIRA & MICARELLO, 2017).

⁹ Sobre os interlocutores portugueses de Meireles e sua viagem a Portugal, consultar a tese de doutorado *As duas margens do Atlântico: um projeto de interação entre os povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal* (1934) de Jussara Santos Pimenta (2008).

¹⁰ Recomendamos a leitura da dissertação de Jussara Santos Pimenta (2001), cuja temática abrange a criação da Biblioteca Infantil: *Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem*. Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937).

¹¹ Título da crônica de 20/03/1932, escrita por Cecília Meireles.

jornal apresentava uma página diária sobre educação. Lamego, em seu livro sobre a atuação de Cecília na *Página*, afirma que:

O clima político, social e intelectual da época também justificava a aparição dessa página diária. O país vivia, politicamente, um momento de grande indecisão, entre uma eleição democrática - que se mostrou fraudulenta - e a perspectiva de uma revolução redentora que levasse à modernidade o país ainda dominado pelas velhas oligarquias rurais. No plano social e urbano, uma massa de trabalhadores analfabetos convivia com uma classe média crescente, que procurava novas opções de vida, e uma elite aristocrática de origem rural. (*Ibid.*, 1996, p. 28-29)

Delegou-se a Meireles a função de dirigir e criar a *Página de Educação* para o *Diário de Notícias*. Segundo a escritora, em seu comentário de despedida em 1933, a *Página* foi, “[...] durante três anos, um sonho obstinado, intransigente, inflexível, da construção de um mundo melhor, pela formação mais adequada da humanidade que o habita”. E acrescentou: “Mas além de um sonho, esta ‘Página’ foi também uma realidade energética, que muitas vezes, para sustentar sua justiça, teve de ser impiedosa e pela força de sua pureza pode ter parecido cruel” (MEIRELES, 2017, vol.4, p. 247). À direção da *Página*, ela refletiu não apenas sobre a educação, como também sobre arte, nacionalismo, mulher, entre outros temas. Não obstante, sempre retoma suas reflexões principais em torno das relações entre a escola e a família, a criança, os projetos educacionais, à luz dos princípios da Escola Nova.

Os escritos de Cecília no *Diário de Notícias* não pouparam críticas à sociedade e à política. Para ela, sua atividade jornalística revelava esperança, era um caminho de intervenção para uma educadora que, embora tivesse sido professora, identificou a ação jornalística como mais proveitosa. Em carta a Fernando de Azevedo, escrita em 1931, revela:

Os tempos e as criaturas ainda não mudaram suficientemente. E o vivo sentimento da minha inficiência em qualquer escola, pelo conhecimento direto da atmosfera que me cercaria, levou-me à ação jornalística, talvez mais vantajosa, de mais repercussão - porque é uma esperança obstinada esta, que se tem, de que o público leia e compreenda... (apud LAMEGO, 1996, p. 2011)

Ela tomou a *Página* como espaço formativo para vida. Ao longo de suas reflexões, vemos que entende a palavra “formação” em sua dimensão total: formação cultural, técnica, acima de tudo, formação de personalidade, constituição de caráter. É por isso que Cecília acreditou no projeto educativo da imprensa, uma vez que “Há mil maneiras de se colaborar na obra da educação. Há terreno para todas as vocações. Assunto para todas as penas” (MEIRELES, 1932, p. 14). Ela também via que naquele meio: “Há leitores aficionados desse noticiário rubro-negro. Há, mesmo, colecionadores dessas páginas violentas, que as releem como romances, e certamente com mais volúpia, sabendo-as vividas na realidade”

(MEIRELES, 2017, vol.4, p.131). Cecília sabia da importância do jornal como forma de orientação cultural. Em sua crônica “A responsabilidade da imprensa” (23/09/1930), afirma:

O jornal substituiu a biblioteca. Até na escola se verifica a vantagem de fazer a criança ler o que de mais interessante vai acontecendo pela terra dia a dia, pondo-a desde logo em comunicação com os fatos vivos, em vez de lhe transmitir a ciência dos livros muitas vezes já em atraso (MEIRELES, 2017, vol.4, p. 135).

Nesse sentido, sua escrita era motivada pela crença na educação:

Acreditei tanto numa possibilidade generosa e sincera de educar para vida, para o trabalho, para uma felicidade humana maior que me dediquei completamente a propagar o que pensavam e desejam (e até certo ponto tentaram fazer) os que, por essa ocasião, se ocupavam do assunto. Apesar de muitas desilusões continuo a acreditar nisso. (MIGNOT, *apud* PIMENTA, 2001, p.47)

Inserida na década de 1930, momento no qual a sociedade estava permeada por diferentes grupos opositores interessados na causa educacional, como os pertencentes ao governo de Vargas e o ministro da educação Francisco Campos, os católicos e os reformadores que buscavam agir na formação da população pela via da Educação Nova, ela dedicou sua *Página* às discussões, debates e defesa dos reformadores. Em carta de 20 de julho de 1931, disse a Fernando Azevedo: “Creio não ser necessário dizer-lhe que a *Página de Educação*, enquanto eu a dirigir, estará sempre às suas ordens, para quando a queira louvar com algumas palavras” (*apud* LAMEGO, 1996, p. 213). Dessa forma, podemos entender o meio através do qual Cecília divulgou suas ideias conforme as reflexões de Nóvoa:

[...] a feitura de um periódico apela sempre a debates e discussões, a polêmicas e conflitos, mesmo quando é feito de uma vontade individual [e pode-se acrescentar, de uma vontade oficial]; a controvérsia não deixa de estar presente, no diálogo com leitores, nas reivindicações junto aos poderes públicos ou nos editoriais de abertura (NÓVOA, *apud* CATANI, 1994, p. 44).

Essas reivindicações se desdobraram em vários temas, como a valorização da centralidade do educando no processo de ensino-aprendizagem, a defesa das fases de desenvolvimento do indivíduo, atrelada às reflexões da psicologia e da ciência experimental, e a formação plural dos professores (MAGALDI, 2001, p.135), cujas iniciativas serão examinadas com mais atenção na próxima seção do presente texto. No que tange ao desenvolvimento do indivíduo, é interessante ressaltar o lugar privilegiado que Cecília legou para a formação de famílias. Ela discute a influência que as famílias têm na vida das crianças e chama os pais para

participarem da escola, das reuniões e das discussões da pedagogia moderna. Em sua crônica “Professores e pais”, comenta:

A educação moderna, para ser uma realidade viva, depende do entendimento de professores e pais, de modo que a obra da escola e do lar se unifique numa comum intenção. Tudo quanto se fizer pela aproximação desses dois fatores e pela harmonização de seus interesses será em benefício da infância e para proveito da nacionalidade (MEIRELES, 2017, vol.1, p. 101).

A *tribuna*¹² ocupada por Meireles revela seu papel como intelectual cujas discussões perpassam a construção da nação através da educação (Ver, por exemplo, sua crônica “Educação nacional” de 29/07/1930). Essa escrita ainda aponta para a importância do papel desempenhado por ela como mulher escritora, a qual expandia-se como intelectual e profissional em uma sociedade patriarcal na qual mulheres comumente não ocupavam lugares de destaque:

As mulheres escreveram todos os gêneros: cartas, diários, álbuns, cadernos, romances, crônicas, contos, dramas, comédias, teatro, revista, operetas, ensaios, críticas literárias. No entanto, se comparadas com os homens, pouco publicaram. As sociedades patriarcais cercearam e mesmo impediram muitas vocações literárias femininas, por preconceito, pela religião, pelos limites impostos às mulheres quanto ao seu papel nas sociedades burguesas (MUZART, 1999, *apud* NUNES, 2011, p. 164).

É importante ressaltar que o direito do voto feminino data de 1932, mas incorpora-se à Constituição em 1934 como facultativo, e apenas em 1965 torna-se obrigatório (MARQUES, 2018, p. 136-139). Entretanto, Cecília já escrevia no *Diário de Notícias* desde 1930. Ela fez parte das poucas mulheres que saíram da docência para atuarem no espaço público, tanto no campo jornalístico quanto literário. No texto “Letras femininas: missão intelectual de professoras jornalistas na imprensa brasileira” (2011), Clarice Nunes mostra que a atividade jornalística foi um dos primeiros espaços que algumas mulheres ocuparam para afirmarem-se como intelectuais e mulheres de letras, bem como a opção pelo magistério. Como vimos, no período analisado aqui, Cecília dedicou-se à atividade jornalística, na qual discutiu e contribuiu para o magistério brasileiro. Sua trajetória no jornalismo foi marcada por entrevistas, artigos, reportagens e, sobretudo, crônicas. Segundo Nunes (2011), nesse período de escrita, as crônicas cumpriram a função de converter o cotidiano em material informativo. Diferentemente da pequena imprensa para a qual somente interessava o fato político, para a imprensa que estava se modernizando todo fato era merecedor de espaço:

¹² Bontempi (2011) salienta o “peso” da imprensa na formação da opinião pública a respeito dos assuntos educacionais, “Por ser a imprensa a tribuna de maior visibilidade e impacto social da modernidade, um [...] agente histórico que intervém nos processos e episódios, e não um simples ingrediente de acontecimento” (NEVES et al., 2006, p.10) *apud* Bontempi, 2011, p.144).

A crônica informava e entretinha a partir das aparentes condições triviais do dia a dia, em que se constroem os sentidos comuns e hegemônicos. Nos jornais brasileiros, as crônicas eram matérias de autor e pareciam se compatibilizar com certas preocupações femininas sobre o “miúdo”, o “dia a dia”. Algumas mulheres logo se destacaram como autoras. É o caso, por exemplo, de Júlia Lopes de Almeida (1862 - ?) e Cecília Meireles (1901 - 1964). (NUNES, 2011, p. 171)

Na seguinte parte do presente artigo, discutiremos as particularidades do uso desse gênero por Meireles, principalmente no que diz respeito às crônicas de educação analisadas. No entanto, é importante frisar, uma vez mais, o papel crucial que as crônicas tiveram na mobilização de professoras-escritoras, as quais, estando em sua maioria no Rio de Janeiro, participaram do seu projeto de emancipação através dos jornais.

Escrever crônicas para os jornais foi o instrumento pelo qual algumas mulheres professoras expandiram seu movimento e sua mobilização profissional para além das fronteiras de casa e da escola. Tornando-se escritoras, essas professoras teceram suas lutas com capacidade discursiva que exige, além da cultura geral e do saber do ofício, a competência de expressão e convencimento capaz de se impor na esfera pública, formar opinião e disputar com outros, sobretudo homens, o lugar do discurso. (NUNES, 2011, p. 171)

Durante a atividade jornalística exercida, Cecília participou da formação do público leitor e da opinião pública. Como discutido anteriormente, vimos que os docentes e estudantes da Escola Normal eram os principais leitores da *Página de Educação*. Nesse sentido, nos convém compreender como os professores eram formados e pensados pela escritora e com quais imagens os descreveu.

“O professor moderno e a sua formação”¹³

Cecília afirmara em carta a Fernando Azevedo de 07 de setembro de 1931: “É certo que eu gostaria mais, talvez, de estar exercendo uma ação nitidamente construtiva. Mas combater e destruir também são fórmulas de edificar. E a gente tem que se resolver a viver de acordo com a atmosfera que existe, sob pena de se utilizar completamente” (*apud* LAMEGO, 1996, p. 215). Nessa carta, ela agradece a Fernando Azevedo pelas “suas boas palavras sobre a Página” (grifo do autor), mas diz que acredita que esse trabalho ainda é mínimo diante do que se podia fazer. Continua descrevendo a recepção de inércia que seus interlocutores têm frente à sua crítica, mas expressa força para continuar nessa “grande luta” (*ibid.*). No trecho aqui destacado, Cecília Meireles demonstra que desejaría construir uma ação “nitidamente construtiva”, mas “combater e destruir” também são formas de

¹³ Título da crônica de Cecília Meireles publicada em 26/06/1930.

edificar. No entanto, a contrapelo do que descreve, sua ação era bastante construtiva e educativa, pois, à medida que escrevia em sua coluna, também formava seu público de leitores. Na crônica “Formação do professor”, vemos que, para ela, a palavra “formação” comprehende a “[...] formação cultural, formação técnica, - mas, acima de tudo, - formação da personalidade, constituição do caráter” (MEIRELES, 2017, p. 127). Aqui, nos interessa evidenciar algumas das representações que ela desenvolveu sobre seu público principal, a saber, os professores e alunos da Escola Normal.

Entendemos tais “representações” sob a perspectiva da definição de Roger Chartier. Quando escreve sobre *A história cultural*, o autor estabelece que elas não são neutras, mas marcadas pelos interesses dos grupos que as forjam. No caso de Cecília, sabemos que sua escrita foi permeada pela divulgação dos conceitos da escola moderna e estava atrelada às percepções sociais do seu tempo:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Investigar as imagens do professor e de seu trabalho docente em uma perspectiva formativa nas crônicas de Meireles nos impele a entender, inicialmente, quais são as características do gênero através do qual essas imagens circularam. Aqui, nos detemos nas crônicas de educação escritas por Cecília em seu tempo de atuação no *Diário de Notícias*. Na apresentação do livro *História em coisas miúdas* (2011), os historiadores Chaloub, Neves e Pereira comentam que por muito tempo esse gênero foi considerado menor, “um tipo ligeiro e desprevensioso de literatura” (p.12), que não tinha elaboração e era localizado entre o jornalismo e a literatura. No entanto, os autores apontam para uma característica fundamental dele: a cumplicidade construída entre o autor e o público. Nas crônicas aqui estudadas, vemos que tal cumplicidade foi sustentada por Meireles, dado que em sua coluna também reservava espaço para troca de cartas com seus leitores, a partir do qual havia a possibilidade de discussões sobre os assuntos a serem abordados. Em que pesce quão recentemente as crônicas tenham começado a receber mais atenção como

campo de investigação, através de uma perspectiva que aponta para sua característica literária, bem como de testemunho do tempo vivido, concordamos com os autores que, “por mais banais que fossem para os contemporâneos, a especificidade dos temas coloca, a um leitor de hoje, a necessidade de uma cuidadosa operação exegética para decifrar e decodificar os seus termos” (CHALOUB *et al.*, 2011, p. 13). Ao subscrever a essa concepção, entendemos a crônica como “gênero dialógico por excelência”, que buscava intervir na realidade:

Ao contrário do historiador, supostamente superior e desinteressado, ao cronista caberia interagir com as coisas de seu mundo, meter-se onde era chamado para transformar o que via e vivia. Flagrado em meio ao debate, não analisava a realidade de forma exterior, mas dialogava com outros sujeitos, participava das discussões de seu tempo. Ao acertar contas com seu presente, a crônica teria assim como uma de suas marcas esse caráter de intervenção na realidade, com o qual interagia à moda de uma senhora brincalhona. Longe de refletir ou espelhar alguma realidade, ela tentava analisá-la e transformá-la - valendo-se, para isso, de um tom leve, que atraísse o leitor, e da penetração social das folhas das quais eram publicadas. (*ibidem*, p. 14-15)

Em sua crônica “Tristeza de cronista”, publicada no livro *Escolha seu sonho* (1974), após descrever um episódio visto em um ônibus, Cecília também reflete sobre a tessitura da crônica:

Ora, a moça disse-me: “Você com isso pode fazer uma crônica”. Respondi-lhe: ‘A crônica já está feita por si mesma. É o retrato deste mundo confuso, destas cabeças desajustadas. **Poderão elas ser consertadas? Haverá maneira de ser pôr ordem nessa confusão? Há crônicas mostrando o caos a que fomos lançados. Adianta alguma coisa escrever para os que não querem resolver?**” (MEIRELES, 1974, p. 148, grifos nossos)

Esse trecho revela que a autora via na crônica uma maneira de tentar “pôr ordem nessa confusão”. No tempo de escrita desse texto, à década de 1960, período no qual participou da Rádio Ministério da Educação e Cultura, a “confusão” já não era a dos anos 1930, mas a escritora iniciou ali seu ofício e buscava quem pudesse resolver os problemas educacionais de seu tempo, principalmente os professores e responsáveis pela educação. As crônicas de educação de Meireles ora dialogam com as características discutidas, ora tomam forma de artigo de opinião que reflete a realidade vivida, mas também traz teorias e divulga pensamentos. Tomando os complexos mecanismos narrativos que constituem esse gênero, passamos para análise de algumas crônicas que traçaram representações docentes.

Cecília descreve o professor como responsável pelo futuro, aquele que tem a necessidade de se formar e manter constantemente firme uma personalidade segura e complexa (MEIRELES, 2017, vol.3, p.127-128). Através de uma linguagem explicativa e poética, ela diz que uma das principais qualidades do

educador - que determina todas as outras - é sua capacidade de “[...] medir, com justeza, os valores que se lhe apresentam” (*ibid.*, p. 112). O educador pensado por ela congrega diferentes valores, como os morais, intelectuais e técnicos e se difere dos profissionais, pois estes respeitam qualquer autoridade apenas pela sua posição e não pela “quantidade e qualidade das suas experiências e obras”. Nesse sentido, ela vê o educador como

[...] aquele que está constantemente evoluindo, experimentando em si e em torno de si, todas as modificações que possam constituir um progresso, e que faz, principalmente, com o fim de medir o valor de cada problema da humanidade, e conhecer o ambiente e o significado da sua tarefa pedagógica. (*ibid.*, p. 112)

E diferente de outros trabalhadores da instituição escolar, não é um burocrata, que reduz sua ação às horas de trabalho, senão “[...] uma criatura construtora de liberdade e progresso harmoniosos, que, vivendo no presente, está sempre investindo o futuro, porque é nesse futuro, povoado de promessas de vida melhor, que o destino de seus discípulos se deverá realizar com toda amplitude” (*ibid.*). No entanto, ela adverte que naquele período - ainda atual em sua contribuição - estava cada vez mais difícil ser professor, e isso fazia com que os docentes se acomodassem num “automatismo fácil” e numa situação burocrática. Cecília vê, na ação docente, atrelada à escola moderna, a esperança de um futuro, na qual o professor é o principal ator de transformação e modelo. Algumas de suas crônicas descrevem o docente como um “salvador”, aquele que se sacrifica pelos seus alunos, que renuncia sua individualidade, sua felicidade a serviço da infância. Em suas palavras:

O verdadeiro educador, aquele que todos os dias está despertando em redor de si as íntimas possibilidades de vida que a infância resguarda, é uma criatura, por muitos motivos, destinada ao sacrifício, à renúncia constante de seus interesses imediatos. Não é dono de suas alegrias, de seu entusiasmo, da sua liberdade, esse que, no entanto, é essencialmente, um fator de liberdade, entusiasmo e alegria. [...] Todas as vidas se gastam por uma aspiração que as comanda. Nós vamos morrendo todos os dias um pouco, às ordens de uma orientação que aceitamos. Não é mesquinho nem triste morrer a serviço da infância, porque é trocar uma vida por vidas inúmeras, e abdicar da sua pequena felicidade pessoas pela esperança de uma felicidade unâime. (MEIRELES, 2017, vol. 3, p. 110)

Vemos que o tema sobre professor é reiterado na *Página*, principalmente durante os meses de junho, julho e agosto de 1930. Nesses textos, notamos uma retórica permeada pela poesia, uma vez que são utilizados recursos como antítese, comparação, além da promoção de uma identificação com o leitor. Cecília lança mão de verbos em terceira pessoa do plural, colocando-se como participante da atividade dos “semeadores do futuro”. Como já mencionado, ela também exerceu

sua profissão de professora, mas encontrou na escrita da *Página* um espaço para divulgar suas ideias e discutir as questões educacionais: “**Nós mesmos, os professores**, algumas vezes ficaremos sem saber quando estamos agindo mais intensamente sobre esta ou aquela vida em preparação. Daí a necessidade constante de agir” (MEIRELES, 2017, vol. 3, p. 108, grifos nossos). O professor ainda é descrito como um ser inquieto, que se preocupa pelo novo e participa da construção da educação nacional. Essa definição é bastante elucidativa do tipo de professor evocado pela autora, dado que suas representações são criadas a partir do modelo de professor pensado pelo ideário escolanovista, cujas ideias buscam um docente que trabalhasse na transformação da sociedade pela educação (Ver, por exemplo, “As qualidades do educador” (18/10/1930) e “Educação Nacional” (29/07/1930).

Daí que se faz necessário formar um novo tipo de educador. Ela diz que esse educador deve ser: “[...] um tipo humano capaz de se poder desiludir todos os dias, e de todos os dias renascer em ilusões. Essa qualidade lhe confere um poder extraordinário de se manter em vida, sem as funestas consequências que a rotina costuma insinuar no tempo” (MEIRELES, 2017, vol.3, p. 153). Essas características demandam que a formação do professor seja tomada como um problema urgente, cujas ações abarquem as exigências dos novos tempos, dado que “O tipo do profissional, apenas, já não é suficiente. Mais do que isso, é vergonhoso, e deve ser severamente condenado” (*ibid.*, p.154). Cecília revela que a nova educação exige professores idealistas, que estejam preocupados “[...] todos os instantes, com sintomas novos, na tarefa em que se empenha[m], sabe[m] que não há terreno mais vasto, mais complexo e de mais variadas e imprevistas significações que esse em que seus interesses acompanham a marcha das criaturas na sua adaptação à vida” (*ibid.*, p. 153).

Cecília demonstra que o tipo de professor preferido ainda estava distante da realidade da escola moderna, pois os alunos ingressavam ao magistério sem a devida preparação. Nesse sentido, ela diz que deveria vir da Escola Normal essa formação:

Devia ser assim. Devia ser, se a Escola Normal estivesse, desde já, preparando seus alunos para o futuro que vai ser seu presente. Mas, até a presente data, o que se verifica é que, salvo o pequeno contato que têm os quartanistas na sua prática da Escola de Aplicação, esses jovens chegam à formatura sem a visão do problema que as espera, sem compreensão, nem intuição, nem paixão pela psicologia infantil, para a qual, no entanto, terão de constantemente apelar. (*ibidem*, p. 105)

Na crônica “Professoras de amanhã”, Cecília Meireles se interroga como as jovens que chegavam da Escola Normal conseguiram realizar o curso sem entender sua profissão:

Como puderam estas moças atravessar todo o seu curso sem descobrirem que é uma coisa extraordinária chegar a ser professor? Vão sair da escola amanhã. Que vão fazer? Elas mesmas não o sabem. Sua carreira de estudantes foi nublada, semiconsciente, como que automática... Parece-nos que assim

continuarão na vida que iniciarem depois... Uma sensação completa de despersonalidade e interesse idealista. Uma espécie de cansaço antes de qualquer realização...Uma incapacidade de velhice, na mais radiosa mocidade. Ausência total de sonho, do sonho luminoso que estimula todas as tentativas, que dá coragem para todas as vitórias. Por que falta flama interior a essas jovens? Por que seus olhos não veem que diante delas o caminho é grandioso e que elas em si transportam mil garantias para a esperança da humanidade? (*ibidem*, p. 107)

Cecília coloca como responsabilidade da formação docente da Escola Normal conhecer e pôr em prática a Reforma de Ensino e, assim, resolver “o problema do mestre do futuro”. De acordo com o que é discutido, as professoras chegavam “sem vida”, pois haviam aprendido a “reverenciar o livro estéril” e “os limites da sua liberdade circunscreviam-nos as linhas dos programas. O espírito do ‘saber’ e do ‘viver’, tinham-no herdado dos mestres, - não como criaturas humanas, mas como professores no alto de uma cátedra” (*ibidem*).

Com essa constatação, Cecília evoca um de seus temas mais comentados na poesia e em sua prosa: a necessidade de liberdade. Para ela, segundo registra na crônica “Questão de liberdade”, “[...] o principal problema da educação moderna é a liberdade humana, no seu mais grandioso sentido” (MEIRELES, 2017, vol. 1, p. 37) e é justamente por meio da educação que se pode alcançá-la. Também comentava que a Reforma de Ensino de 1928 não possibilitou apenas métodos e técnicas de ensino, mas também a possibilidade de experimentar e ter liberdade na condução de suas aulas:

Não é, portanto, o experimentar de métodos que é digno de observação, e não foi isso, propriamente, que deu a essas professoras a sensação de desafogo que notamos. É que, ter permissão para aplicar métodos, é ter permissão para dirigir sua classe, para possuir uma personalidade, para usar do direito de iniciativa, que é uma das principais condições para quem quer ser professor. (MEIRELES, 1930, p. 7)

No entanto, na crônica publicada em 06 de maio de 1931, a autora também criticava a falsa liberdade promovida pelas reformas do ministro Francisco Campos. Durante o regime de Vargas, Cecília que, inicialmente, via na “revolução” possibilidades de mudança no campo educacional, tornou-se crítica da maneira como Francisco Campos lidava com a educação brasileira, sobretudo, pela sua aproximação com a Igreja Católica:

Veio o sr. Francisco Campos com seu feixe de reformas na mão. E, em cada feixe, pontudos espinhos de taxas. Foi mesmo mais uma reforma de preços, que tivemos. E esperávamos uma reforma de finalidades, de ideologia, de democratização máxima do ensino, de escola única, - todas essas coisas que a gente

precisa conhecer e amar, antes de ser ministro da educação...
(MEIRELES, 2017, vol. 1, p. 37-38)

Dessa forma, os problemas educacionais são denunciados à medida em que a cronista discute e forma os professores. “Em educação, todos os problemas são importantes, e há, em aparência, pequenos nadas a que seria um erro imperdoável não prestar a devida atenção” (MEIRELES, 2017, vol. 3, p. 153).

disposições finais¹⁴

Em muitas de suas crônicas que remetem às representações do professor, Cecília traça uma imagem docente idealizada. Mas também expõe a necessidade de que esta categoria possa receber uma formação que a prepare de maneira excelente para o futuro: “o presente nos está mostrando que ainda não temos mestres para o mestre”. Sua escrita dialogada e poética aponta para a construção de um campo de reflexão que faz de suas crônicas um espaço discursivo de debate e análise. Para ela, ser professor é:

Ter coração para se emocionar diante de cada temperamento.
Ter imaginação para sugerir.
Ter conhecimento para enriquecer os caminhos transitados.
Saber ir e vir em redor desse mistério que existe em cada criatura, fornecendo-lhe cores luminosas para se definir, vibratilidades ardentes para se manifestar, força para profunda para se erguer até o máximo, sem vacilações nem perigos. (MEIRELES, 2017, vol.3, p. 116)

Ao dizer o que é ser professor, retomamos a discussão sugerida no título do presente trabalho, no qual a definimos como poeta-educadora. Cecília viu os professores como precursores do novo idealismo nacional. Para ela, o que desenvolveu na *Página* fazia parte de um trabalho maior, iniciado há mais tempo pelos insubmissos a fórmulas, que construirão a libertação futura:

A renovação educacional que se vem operando em todas as partes do mundo não é um movimento superficial ou fictício. Obedece, pelo contrário, a uma necessidade desde muito sentida. Suas raízes vêm de longe, e vêm daqueles que, insubmissos a fórmulas e rotinas, souberam amar de tal maneira o próximo que, sentindo a sua tortura, sob a pressão da época, vibraram, emocionados e construíram a esperança de uma libertação futura. (MEIRELES, 1930, p. 5)¹⁵

¹⁴ Subtítulo inspirado no poema “Disposições finais” de 1954 (p.715 do volume II de sua Poesia completa).

¹⁵ Esses excertos partiram do texto “Os poetas, como precursores do novo idealismo educacional”, publicado em 18 de junho de 1930. É importante salientar que essa fonte advém de nossas pesquisas no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, através do site da Hemeroteca Nacional, e não está

De acordo com Meireles, muitos dos precursores da renovação social eram poetas, os quais, dotados do “dom de viajar independente das realidades contingentes”, buscam um estado de beleza, pois sua intuição, “mais aguda que a dos outros homens, percebe, registra, apreende” (*ibidem*). Entendemos com essa explicação por que a poeta, cuja poesia lírica se tornou extremamente conhecida na literatura brasileira e mundial, “desceu” da sua “torre de marfim” para habitar a prosa dos jornais. Em seu tempo de atuação na *Página*, Cecília nunca deixou de ser poeta de seu tempo, a educadora com “fibra essencial de poeta”. Era necessária essa natureza de quem sabe projetar personagens, desejos, através dos versos, para interferir na vida cotidiana e fazer realidade o sonho da escola moderna:

Há, nos educadores de hoje, uma fibra essencial de poetas. Dir-se-ia que estes, depois de terem exercido a atividade dos seus sonhos em projetos fora do mundo, localizaram-nos agora nesse mesmo mundo, e, em vez de criarem personagens imaginários; para darem corpo sua aspiração, modelam no barro humano da vida cotidiana personagens reais, de glória autêntica, e de ação objetiva. Na categoria desses precursores, adivinhadores do futuro, profetas da era atual, assoma o vulto impetuoso da Guerra Junqueiro, dardejando em versos, o anátema contra a escola antiga (*ibidem*).

Ao longo dessas páginas, procuramos evidenciar a vida e a escrita de Cecília Meireles no tempo em que editou o debate sobre a educação na década de 1930. Vimos que suas crônicas podem fornecer base para perscrutar-se a imagem do professor pensado e dado a ler. Ademais, seus escritos educacionais nos ajudam a entender como a poeta lírica também participou com ironia e assiduidade na construção da nova educação: com a fibra essencial de educadora e poeta. Terminamos nossa análise com as palavras de Nóvoa (1992):

Trazer as pessoas da educação - crianças, professores, famílias - para o retrato histórico, ou seja, realizar a história dos atores sociais significa o reencontro com a experiência. O componente experiencial pode fornecer-nos um melhor entendimento do modo como alunos e professores, a título individual ou coletivo, interpretaram e reinterpretaram o seu mundo, do modo como os atores educativos construíram as suas identidades, ao longo dos tempos, do modo como a experiência escolar tem diferentes sentidos para as diferentes pessoas. (1992, p. 102)

publicado no conjunto de Crônicas de Educação aqui referido. Quando utilizamos trechos diretos dos jornais, optamos por atualizar a ortografia.

referências bibliográficas

- ARRIGUCCI, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- AZEVEDO, Fernando. A Reconstrução Educacional: ao povo e ao governo. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck, VIDAL, Diana Gonçalves e ARAUJO, José Carlos Souza (Orgs.). *Reformas educacionais: As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.
- BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BONTEMPI JR., Bruno. Os experts e o jornalista na formação da opinião pública sobre a educação: o caso do Inquérito de 1914. In: LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia M. Costa (org.). *Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Vitória: EDUFES/SBHE, 2011, v. 10, p. 141-164.
- BOTO, Carlota. Faria de Vasconcelos e a Escola Nova em Portugal: do *self government* à educação científica. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, e 092.
- BOURDIEU, Pierre. A invenção do intelectual. In: *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.150-152 Trad. Maria Lucia Machado.
- BRASIL, E. NASCIMENTO, L. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos históricos*, v. 33, nr.69, 2020.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, p.89-99.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- CATANI, Denice. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- CATANI, Denice. A participação das mulheres no movimento dos professores e a imprensa periódica educacional (1902-1919). *Projeto História, Mulher & Educação*. São Paulo: PUC, N.11, 1994.
- CATANI, Denice. CATANI, D B. Memória e biografia: o poder do relato e o relato do poder na história da educação. In: *Pesquisa Histórica: Retratos da Educação No Brasil* [S.l: s.n.], 1995.

CATANI, Denice; SILVA, Vivian Batista da. Memória e história da profissão docente: As representações sobre o trabalho docente nos manuais pedagógicos. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v.12, n. 1, p.159-183, mar/ago 2007.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002, 2^a ed., p. 17.

CERTEAU, Michel de. Teoria e Método das Práticas Cotidianas. In: SZMRECSANYI, MariaIrene de Q. F. (Org. Edit., Trad.) *Cotidiano, Cultura Popular e Planejamento Urbano (Anais do Encontro)*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Coordenadoria de Atividades Culturais da Universidade de São Paulo, 4 e 5 de agosto de 1985.

CHALOUB, Sidney NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (orgs). Apresentação. In: *História das causas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: SP. Editora da UNICAMP, 2005, p. 9-22.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Gente pobre*. Trad. Fátima Bianchi. 5^a reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2020.

FUCHS, Eckhardt. Networks and the history of education, *Paedagogica Historica*, 43:2, 185-197, 2007.

HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, p. 9-43, 2001.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia M. Costa. “Prefácio”. In: LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia M. Costa (org.). *Intelectuais e História da Educação no Brasil*: poder, cultura e políticas. Vitória: EDUFES/SBHE, 2011, v. 10, p. 141-164.

LÔBO, Yolanda L. Memória e Educação: O Espírito Victorioso de Cecília Meireles. RBEP, Brasília, v.77, n.187, set./dez., 1996. p. 525-545.

LÔBO, Yolanda L.“O ofício de ensinar” In: NEVES, Margarida de Souza, LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireiles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Loyola, 2001.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira. A poesia no mundo: educando educadores In: NEVES, Margarida de Souza, LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireiles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Loyola, 2001.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. *O voto feminino no Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação, volumes 1, 2, 3 e 4*. Organização: Leodegário A. de Azevedo Filho; coordenação André Seffrin - 2 ed. São Paulo: Global, 2017.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*, vol.1 e 2. coordenação André Seffrin. São Paulo: Global, 2017.

MEIRELES, Cecília. *Escolha seu sonho*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976. 3^a ed.

MEIRELES, Cecília. “A função educativa da imprensa”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1932. Página de educação, p. 14.

MEIRELES, Cecília. “Os poetas, como precursores do novo idealismo educacional”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 julho, 1930. Página de educação, p. 5.

MEIRELES, Cecília. O mal da autoridade. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 julho, 1930. Página de educação, p. 7.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio & CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Práticas da memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio & CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). Antes da despedida: editando um debate In: NEVES, Margarida de Souza, LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireles: a pôetica da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Loyola, 2001.

MONARCHA, Carlos. Do imediato pós-30 à mitologia do Estado Novo. In: MONARCHA, Carlos *A instrução pública nas vozes dos portadores de futuros (Brasil – séculos XIX e XX)* [recurso eletrônico]. Uberlândia: EDUFU, 2019 [Publicado no formato impresso em 2016].

MORAES, Dislane Zerbinatti. Professores-escritores e suas práticas simbólicas de escrita ficcional: um estudo do jogo discursivo efetuado entre os campos educacional, intelectual e literário. In: LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia M. Costa (org.). *Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Vitória: EDUFES/SBHE, 2011, v. 10, p. 141-164.

NUNES, Clarice. Letras femininas: missão intelectual de professoras. In: LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia M. Costa (org.). *Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Vitória: EDUFES/SBHE, 2011, v. 10, p. 141-164.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política do Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PIMENTA, Jussara Santos. *Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem. Cecília Meireles e a criação da biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação/PUC-RJ, 2001.

PIMENTA, Jussara Santos. O Brasil e a sua educação: as conferências de Cecília Meireles em Portugal. *VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, Uberlândia. 2006.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PORTUGAL, Sílvia. *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Oficina do CES. 271 (2007), 36p.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução, Conclusão In: *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, 259-279.

VIDAL, Diana Gonçalves. Apêndice. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck, VIDAL, Diana Gonçalves e ARAUJO, José Carlos Souza (Orgs.). *Reformas educacionais: As manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional brasileiro. In: LEITE, Juçara Luzia; ALVES, Cláudia M. Costa (org.). *Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Vitória: EDUFES/SBHE, 2011, v. 10, p. 141-164.

VINÃO, Antonio. Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres. In: MENEZES, Maria Cristina (org.) *Educação, memória, história*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 333-373.